

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

MARÍLIA SERAFINI VARELA

**DO FACEBOOK PARA O PAPEL: OS PROTESTOS DE JUNHO NA FOLHA DE S.
PAULO**

CAXIAS DO SUL

2013

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

MARÍLIA SERAFINI VARELA

**DO FACEBOOK PARA O PAPEL: OS PROTESTOS DE JUNHO NA FOLHA DE S.
PAULO**

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para aprovação na
disciplina de Monografia I.
Orientador(a): Paulo Ribeiro

CAXIAS DO SUL
2013

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	5
2 TEMA.....	5
2.1 Delimitação do tema.....	5
3 JUSTIFICATIVA.....	5
4 QUESTÃO NORTEADORA.....	6
5 HIPÓTESES.....	6
6 OBJETIVO.....	7
6.1 Objetivo geral.....	7
6.2 Objetivos específicos.....	7
7 METODOLOGIA.....	7
8 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	11
8.1 A era das mídias sociais.....	11
8.2 A sociedade.....	12
8.3 Protestos marcantes.....	14

8.4 A imprensa.....	15
9 ROTEIRO DOS CAPÍTULOS.....	18
10 CRONOGRAMA.....	20
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	21

1 INTRODUÇÃO

Apaixonada por jornalismo, a acadêmica viu nas manifestações que dominaram o país em junho de 2013, uma grande oportunidade de aprofundar seus conhecimentos e analisar como foi a cobertura de um dos principais jornais do país, a Folha de S. Paulo.

Nos primeiros momentos de estudo foi possível perceber que não é mais o jornal impresso quem pauta as mídias, mas sim as redes sociais, que estão cada vez mais se destacando. O que foi mais um motivo para estudar o tema e verificar como a imprensa se comportou sendo pautada.

No final de uma etapa da vida acadêmica, a monografia é um dos momentos mais aguardados, onde se poderá refletir sobre um momento histórico do país, tendo participado ativamente dessa história e agora podendo analisá-la.

2 TEMA

Do facebook para o papel: os protestos de junho na Folha de S. Paulo.

2.1 Delimitação do tema: A cobertura da Folha de S. Paulo dos protestos que tomaram o Brasil de 17 a 21 de junho de 2013.

3 JUSTIFICATIVA

O jornalismo da atualidade está cada vez mais preocupado em ser instantâneo, repassar para seu público o mais rápido possível todos os acontecimentos que o cercam. Com essa busca desenfreada, muitas vezes não se tem o tempo necessário para verificar a veracidade dos fatos, bem como os grandes veículos acabam sendo pautados por fenômenos temporais como as redes sociais.

As manifestações que ocorreram em junho de 2013 no país tiveram suas raízes nas redes sociais. Foi por lá que os protestos foram organizados, com milhões de pessoas sendo convocadas e comparecendo ao “evento”. Porém o movimento só se consagrou quando

ganhou a imprensa, indo para as primeiras páginas dos jornais e ganhando cobertura especial de todos os veículos.

Nesse meio tempo, entra em ação a mídia ninja, com sua cobertura “amadora”, mas que ao mesmo tempo lhe dava acesso a lugares onde a mídia não era aceita. Seus vídeos e suas notícias ficaram conhecidos por não ter edição e mostrarem a realidade, muitas vezes ocultada pelos veículos consagrados. Para analisar esse novo modelo serão utilizados programas de entrevistas e reportagens de jornais, afinal esse é um assunto que está “ardendo” no momento.

Essa questão dos protestos e da nova forma de transmitir os acontecimentos “versus” a maneira convencional ainda estão a flor da pele. Pensando nisso, acredito que seja de grande ajuda, buscar algumas respostas em autores como Pierre Levy, entendendo um pouco mais sobre o avanço das redes sociais e da tecnologia, bem como Manuel Castells, sociólogo espanhol que escreveu inclusive um livro sobre a onda de manifestações, *Redes de Indignação e Esperança – Movimentos Sociais na Era da Internet*, entre outros. E ainda uma análise aprofundada dos exemplares da Folha de S. Paulo no período de 17 a 21 de junho de 2013.

4 QUESTÃO NORTEADORA

Manifestações que nasceram espontaneamente nas redes sociais precisaram do jornal impresso para serem registradas como notícia?

5 HIPÓTESES

- a) A Folha de S. Paulo foi pautada pelas redes sociais
- b) As redes sociais se refletiram nas páginas da Folha de S. Paulo
- c) Os protestos só “viraram” notícia depois que a Folha de S. Paulo deu a cobertura

6 OBJETIVOS

a. **Objetivo geral**

Avaliar a cobertura da Folha de S. Paulo nos protestos de junho de 2013.

b. **Objetivos específicos**

- Verificar como a imprensa atuou nos protestos de junho
- Investigar a nova imprensa alternativa, a mídia ninja, nos protestos de junho de 2013.
- Descobrir como foi a repercussão da Folha de S. Paulo sobre os protestos de 17 a 21 de junho no país.

7 METODOLOGIA

Num primeiro momento, de acordo com Bardin, "na análise de conteúdo, a inferência é considerada uma operação lógica destinada a extrair conhecimentos sobre os aspectos latentes das mensagens analisadas". (FONSECA Jr. Apud Bardin) p.284. Para Krippendorff (1990), "a análise de conteúdo é uma técnica de investigação destinada a formular, a partir de certos dados, inferências reproduzíveis e válidas que podem se aplicar a seu contexto". Devido à variedade de definições sobre a análise de conteúdo, torna-se de grande importância a definição do método de pesquisa a ser utilizado na realização da monografia.

Segundo Bauer (2002), a análise de conteúdo é uma construção social.

Como qualquer construção viável, ela leva em consideração alguma realidade, neste caso o *corpus* do texto, e ela deve ser julgada pelo seu resultado. Esse resultado, contudo, não é único fundamento para se fazer uma avaliação. Na pesquisa, o resultado vai dizer se a análise apresenta produções de interesse e que resistam a um minucioso exame; mas bom gosto pode também fazer parte da avaliação. (BAUER; GASKELL, 2002. p. 203).

A metodologia a ser utilizada no trabalho de pesquisa será a análise qualitativa com base na análise de conteúdo realizada nos exemplares do jornal Folha de S. Paulo, nas datas já delimitadas. Assim, segundo Fonseca Junior (2005) é possível definir a análise em três fases cronológicas: (1) pré-análise, que consiste na etapa onde é feito o planejamento do trabalho que será elaborado, buscando a sistematização das ideias iniciais com o desenvolvimento posterior, encontrados na análise; (2) exploração do material, essa etapa refere-se à análise em si, onde todo o material previamente estipulado será analisado minuciosamente, é um momento de codificações; (3) e a interpretação dos resultados obtidos, onde o material bruto se transforma em deduções, evidências e conclusões.

Essas três fases citadas acima serão as fases analisadas e seguidas pela pesquisadora, que irá escolher os documentos que serão utilizados na análise, já tendo se certificado da utilidade desse material para a pesquisa; explorar o material, esse é um dos pontos fundamentais para somar na pesquisa e auxiliar inclusive na resposta das hipóteses; e analisar os dados, que serão cruzados com as deduções e evidências levantadas ao longo da pesquisa, chegando a um resultado satisfatório ou não.

Será com base nessa categoria que será realizada a pesquisa em questão: através da análise do conteúdo das reportagens do jornal Folha de S. Paulo, levando em conta os conceitos jornalísticos.

7.1 Escolha de Documentos

Os documentos selecionados são páginas do jornal Folha de S. Paulo, de 17 a 21 de junho de 2013. As matérias relacionadas às manifestações encontram-se no caderno cotidiano, que terá suas páginas analisadas.

7.2 Aplicação das Hipóteses

- a) A Folha de S. Paulo foi pautada pelas redes sociais
- b) As redes sociais se refletiram nas páginas da Folha de S. Paulo
- c) Os protestos só “viraram” notícia depois que a Folha de S. Paulo deu a cobertura

7.3 Constituição do Corpus

Para Bardin (1988) e Barros e Targino (2000), existem quatro regras para a constituição do *corpus*: regra de exaustividade, regra de representatividade, regra da homogeneidade e regra de pertinência. Todas as regras serão aplicadas nesta pesquisa, mas a principal será a regra de exaustividade.

- a) Regra de exaustividade: todos os documentos relativos ao assunto pesquisado, no período escolhido, devem ser considerados, sem deixar de fora nenhum deles por qualquer razão (dificuldade de acesso, extravio, material desinteressante etc.). Se o objetivo for analisar a publicidade de automóveis publicada na imprensa durante um ano, por exemplo, qualquer anúncio publicitário que corresponda a esses critérios deve ser incluído. (BARDIN, 1988, BARROS e TARGINO (2000) *apud* FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa, 2005, p. 292-294).

Pensando nisso, foram escolhidas as matérias já citadas da Folha de S. Paulo porque nessas páginas do jornal é possível verificar fragmentos importantes da história do país. Torna-se um registro histórico, fonte rica para estudos, principalmente por mesclar as mídias sociais com as páginas do jornal, passando pelo novo modelo de mídia, os ninjas.

Segundo Bauer e Gaskell, a análise de conteúdo pode ser voltada à análise qualitativa e de texto.

A análise de conteúdo é apenas um método de análise de texto desenvolvido dentro das ciências sociais empíricas. Embora a maior parte das análises clássicas de conteúdo culminem em descrições numéricas de algumas características do *corpus* do texto, considerável atenção está sendo dada aos “tipos”, “qualidades”, e “distinções” no texto, antes que qualquer quantificação seja feita. Deste modo, a análise de texto faz uma ponte entre um formalismo estatístico e a análise qualitativa dos materiais. No divisor quantidade/qualidade das ciências sociais, a análise de conteúdo é uma técnica híbrida que pode mediar esta improdutiva discussão sobre virtudes e métodos. (BAUER e GASKELL, 2002. p. 190).

7.4 Exploração do Material

Como base de estudos para a pesquisa, serão utilizados além dos próprios jornais, livros teóricos sobre o gênero. Serão utilizados livros de autores como Manuel Castells, que terá seu mais novo livro, *Redes de indignação e esperança: Movimentos sociais na era da internet*, como material de apoio fundamental para a realização desta pesquisa; Pierre Lévy, Ignácio Ramonet, Nilson Lage, entre outros.

7.5 Inferências

Segundo Fonseca Júnior, na análise de conteúdo, a inferência é considerada uma operação lógica destinada a extrair conhecimentos sobre os aspectos latentes da mensagem a ser analisada. Assim, podemos concluir que inferências são as deduções e as evidências feitas em cima do material estudado, após realizar a análise de conteúdo.

Para Bardin (1988), as variáveis psicológicas do indivíduo emissor, variáveis sociológicas e culturais, variáveis relativas à situação da comunicação ou do contexto de produção da mensagem, são o que podemos analisar e desvendar com a pesquisa. Assim, as inferências terão lugar de destaque nessa pesquisa, reafirmando os pensamentos da autora.

Na análise de conteúdo, a inferência é considerada uma operação lógica destinada a extrair conhecimentos sobre os aspectos latentes da mensagem analisada. Assim como o arqueólogo ou o detetive trabalham com vestígios, o analista trabalha com índices cuidadosamente postos em evidência, tirando partido do tratamento das mensagens que manipula, para *inferir* (deduzir de maneira lógica) conhecimentos sobre o emissor ou sobre o destinatário da comunicação. (BARDIN, 1988, p. 39-40).

As inferências serão feitas a partir das reportagens da Folha de S. Paulo, no caderno cotidiano, no período já pré-determinado.

8 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Os livros citados abaixo fazem parte da bibliografia fundamental para a realização dessa pesquisa. Eles abordam todos os campos tratados na monografia, servindo como pressuposto teórico, fortalecendo as ideias e os pontos de vista do autor da monografia.

8.1 A ERA DAS MÍDIAS SOCIAIS

A Tirania da Comunicação

Ignacio Ramonet – Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

No livro de Ramonet, alguns capítulos serão fundamentais para traçar a ligação entre o virtual e a sociedade. Ao longo de alguns capítulos, como *A Era da Suspeita* é possível analisar os pontos onde o autor coloca à prova a veracidade dos fatos e as abordagens feitas pela mídia. Rico em exemplos, o livro aborda ainda, casos como o dos correspondentes especiais, que não importa onde aconteça o fato, sempre entram ao vivo e possuem um entrevistado especial.

Já no capítulo quatro, *Ser Jornalista Hoje* o assunto abordado é a instantaneidade, a agilidade em apresentar um fato e transformá-lo em notícia. Esse capítulo será de grande apoio para os apontamentos sobre a mídia instantânea e a mídia ninja.

Cibercultura

Pierre Lévy – São Paulo: Ed. 34, 2000.

Um dos autores mais consagrados na área do virtual, Lévy traz em seu livro capítulos importantes para a construção desse trabalho. Abordando desde o movimento social da cibercultura, até os conflitos de interesse e diversidade dos pontos de vista. Estes serão capítulos norteadores, que servirão de base para o projeto, já que irão desmistificar e esclarecer enigmas sobre a influência das redes sociais na sociedade.

No capítulo 4, Lévy esclarece a interatividade, que muitas vezes é vista como um problema. Mas na verdade não passa de algo natural, como o próprio autor escreve, a menos que o receptor esteja morto, ele nunca é passivo. Esses conceitos servirão para auxiliar na confecção do capítulo 2, referente as redes sociais e a interatividade do público com essa ferramenta.

Ciberespaço

HARVEY, Pierre-Léonard - Lisboa, PO: Instituto Piaget, 2002.

No exemplar de Harvey, um de seus tópicos abordados é o impacto das mídias eletrônicas no comportamento dos grupos sociais, fazendo justamente a ligação entre o mundo real e o mundo da internet, das redes sociais. É possível tanto perceber a união de pessoas, mesmo que de maneira virtual, como aconteceu durante as manifestações, como a interrupção de relações fora das mídias sócias, devido ao uso intenso dessas ferramentas.

Esse será o tema abordado no capítulo 2, sobre redes sociais e a sociedade, onde, de certa forma a geografia social invadiu a geografia física. E esse é mais um sub item do livro ciberespaço que será utilizado como referência para a construção deste trabalho. Também neste capítulo o autor divide as comunidades virtuais em seis tipos, facilitando a compreensão no assunto.

8.2 A SOCIEDADE

A Contemplação do Mundo

MAFFESOLI, Michel - Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios, 1995.

Com o auxílio do livro de Mafesoli, será possível descobrir um pouco mais sobre o tribalismo, referente as “tribos” e grupos segmentados que surgiram durante as manifestações no país. O grupo possuía um ideal comunitário, mas cada indivíduo buscava a sua “tribo”. Nessa busca o que mais contava era o sentimento partilhado, os valores, a paixão e de certa forma, o medo de ficar excluído do grupo.

No subcapítulo sobre estilo e comunicação, o escritor aponta os fenômenos que já existiam nas sociedades tradicionais, mas que são vivenciados de maneira diferente. Logo, no caso dos protestos, pode até ser uma novidade para os jovens da atualidade, mas já existiram protestos marcantes como as Diretas Já, que inclusive estimularam a movimentação para a nova onda de protestos.

A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura - O Poder da Identidade

Manuel Castells – São Paulo, SP: Paz e Terra Ltda, 2007.

No exemplar de Manuel Castells, será dada ênfase ao capítulo 1, que diz respeito ao significado e a construção da identidade. O autor divide as identidades em três classificações: legitimadora, de resistência e de projeto, explicando em cada uma qual o perfil de pessoas que fazem parte delas. Este mesmo capítulo do livro possui total ligação com o capítulo 2 que será criado para a construção desta monografia, pois vai tratar justamente da sociedade, de suas tribos, suas divisões.

Ainda pensando no complemento para este trabalho, Castells aborda no capítulo 2 de seu livro a Globalização, informatização e movimentos sociais, o que “cai como uma luva” com o que está sendo estudado. Neste momento ele novamente divide o processo e determina subcategorias para estudar os movimentos sociais. São elas: a identidade do movimento, o adversário do movimento e a visão ou modelo social do movimento. Com pode ser observado, o auxílio deste material teórico será de grande importância para a construção da base deste trabalho.

A identidade Cultural na pós-modernidade

HALL, Stuart - Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

No livro de Hall, pode-se utilizar conceitos sobre a identidade, tentando esclarecer porque os jovens se identificaram tanto com o movimento e porque reforçaram sua identidade brasileira. Também será possível abordar assuntos como a globalização, já que mais do que nunca as notícias a nível mundial nos interessam muito, mas sem deixar de lado o local, que está cada vez sendo mais valorizado.

Os manifestos iniciaram de uma forma local, mas em uma rede social, o que fez com que se espalhasse rapidamente e se tornasse global.

8.3 PROTESTOS MARCANTES

Um País Aberto: Reflexões sobre a Folha de S. Paulo e o jornalismo contemporâneo

Octavio Frias de Oliveira – São Paulo: PubliFolha, 2003.

O livro organizado por Octavio será utilizado como fonte de consulta para a construção desta monografia, principalmente no capítulo *A Folha e as Diretas-Já*, escrito por Ciro Marcondes Filho. Neste capítulo é possível ter uma noção de como a Folha de S. Paulo trabalhou durante a cobertura das manifestações das Diretas Já. Esse modelo de cobertura serve de inspiração e de comparação para analisar a cobertura das manifestações de junho de 2013.

A Folha de S. Paulo, de certa forma é considerada uma referência na cobertura de grandes eventos e manifestações. Com o apoio desse material ficará mais fácil o entendimento e a escrita desta monografia, já que a mesma visa analisar cuidadosamente como foi feita a cobertura pelo jornal.

Redes de Indignação e Esperança – Movimentos sociais na era da internet

Manuel Castells – Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

O livro de Manuel Castells, lançado em setembro de 2013, tem seu conteúdo todo voltado para as manifestações que aconteceram em junho do mesmo ano. Seus 7 capítulos servirão de apoio e referencial teórico para a realização de toda esta monografia. Em seu capítulo 3, um dos tópicos abordados sobre a uma possível revolução digital e no capítulo 6, sobre a transformação do mundo na sociedade em rede, servirão para construir o capítulo 2 e 2.1 (Redes sociais e sociedade).

Já no capítulo 5, sobre a ocupação das ruas, servirá para a construção do capítulo 3 (O povo nas ruas e a imprensa), onde será possível entender e esclarecer o que aconteceu nas

ruas durante as manifestações. A luta do povo, o trabalho da polícia, a democracia, as tribos, os ninjas, tudo isso estará englobado na construção deste trabalho.

8.4 A IMPRENSA

A reportagem: Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística

Nilson Lage – Rio de Janeiro: Record, 2002.

Para entrar nos méritos de análise de um jornal como a Folha de S. Paulo, será de suma importância, primeiramente o aprofundamento no modo de fazer uma reportagem, discutindo inclusive questões éticas. Só após ter essas noções básicas, será possível analisar o novo modelo de reportagem, segundo o próprio Lage, a reportagem “assistida por computador”.

A partir disto, será possível englobar o capítulo sobre repórteres e pesquisa, tendo uma rápida noção de como deveria ser feita uma pesquisa para a construção de uma reportagem, segundo a visão do autor, bem como o capítulo sobre reportagem assistida por computador. Neste último, Lage, retrata o jornalista atual, que vive em frente ao computador e que precisa estar mais “ligado” do que nunca. Esse novo modelo de certa forma facilitou o trabalho, não sendo necessário, muitas vezes, nem sair da redação para checar uma informação, mas o que pode comprometer a veracidade dos fatos. Esse certamente será um livro que irá enriquecer os estudos até então feitos.

Ideologia e Técnica da notícia

Nilson Lage – Petrópolis, RJ: Vozes, 1979.

No exemplar de Nilson Lage é possível definir o conceito de notícia, que será muito bem utilizado na construção do capítulo 3, que além de abordar o povo que está nas ruas, irá definir a imprensa e seu trabalho. Frisando a investigação sobre a veracidade das notícias e a busca pelo que será ou não publicado. No capítulo 1.1, onde é abordado o conceito de notícia,

servirá de base para iniciar os estudos sobre a Folha de S. Paulo, já que essa é a fonte de toda a investigação.

Também será de grande importância retomar alguns conceitos, como os do capítulo 4, onde são abordadas duas formas de texto, o narrativo e o expositivo. Bem como o capítulo 6.3, que refere-se a identificação social, que retrata o quanto as pessoas tomam gosto e se identificam com determinados veículos, podendo inclusive tê-los como verdade absoluta. De modo geral o capítulo 6 do livro de Lage, retoma o imediatismo, as diferentes formas de identificação e intensidades, que reafirmam a importância de conhecer o público para quem se está produzindo conteúdo. Isso vale tanto para o jornal impresso, como para o conteúdo on-line e/ou de redes sociais.

História da Imprensa no Brasil

Nelson Werneck Sodré – Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

Para entender melhor como se deu a cobertura, através da Folha de S. Paulo, das manifestações no país, torna-se necessário mergulhar profundamente na história da imprensa, como o próprio título da obra de Sodré. Ainda na época do Império é possível perceber através do capítulo 4, que diante de alguns protestos e vitórias marcantes, como a o Manifesto Republicano e o direito ao voto, os jornais já estavam presentes. Esse capítulo servirá para ilustrar a participação dos veículos impressos em ocasiões marcantes na sociedade, tema abordado no capítulo 3 desta monografia.

Mesmo que de maneira mais cautelosa, mas os jornais da época já se dedicavam a repercutir nas ruas o que o próprio povo exigia nelas. Coberturas e repercussões de eventos marcantes, sempre estiveram presentes na história do impresso, mesmo nas épocas mais duras de ditadura e censura. Esses foram momentos históricos e marcantes na vida de quem viveu nessa época ou de quem recebe informações de como se deram os acontecimentos.

A Arte de fazer um jornal diário

Ricardo Noblat – São Paulo: Contexto, 2003.

No livro de Ricardo Noblat, os capítulos utilizados para confecção desta monografia serão o capítulo 2, que aborda o papel de um jornal perante a sociedade, a utilidade destes exemplares e os valores que os jornais devem carregar em seus textos; e o capítulo 4, onde será possível consultar um tópico muito importante, que é a arte de escrever, de transformar as histórias ouvidas em texto.

Ambos os capítulos servirão de auxílio na confecção do capítulo 3 desta monografia. Este capítulo será dedicado a imprensa, contando um pouco de sua história e do que é o jornalismo. Esse será um capítulo fundamental para sustentar o decorrer do trabalho, que irá se aprofundar em um veículo impresso de grande circulação no país, a Folha de S. Paulo.

O Que é Jornalismo

Clóvis Rossi – Editora Brasiliense, 2007.

Livro básico na história do jornalismo aborda temas básicos da vida diária de um jornalista, como lead, o cuidado com o tratamento dado para a fonte, a conquista da confiança do leitor e como prender sua atenção nos textos. Na construção da monografia, auxiliará na definição do perfil do jornalista, responsável por manter vivo o jornal impresso, que será abordado no capítulo 3.

Mesmo com os novos moldes e modelos de jornalista, a essência deve permanecer. É justamente por isso que será dada atenção especial para esse tópico. Somente após ter uma base de como deve ser feito o jornalismo e as reportagens é que será possível analisar o trabalho apresentado por um jornal consagrado como a Folha de S. Paulo.

Deu no Jornal: O Jornalismo Impresso na Era da Internet

Álvaro Caldas - Rio de Janeiro: PUCRio, 2002.

Nesse subcapítulo é imprescindível falar sobre os desafios diários que os jornais enfrentam para preservar seus valores e para se manterem “de pé” diante da mídia instantânea. Outro ponto muito importante é a maneira como os textos para os veículos impressos são escritos, já que devem ser diferenciados dos textos on-line.

Com o auxílio de Caldas, será possível construir um capítulo que mescla o passado, onde só havia o jornal impresso, com o presente, onde é possível ter acesso às notícias do mundo inteiro em apenas um “clique”. Um dos pontos de maior destaque pode ser a diferença na procura dos públicos, já que os internautas têm curiosidades e hábitos diferentes de leitura em relação aos leitores de jornais.

Jornalismo de Guerrilha

CHINEM, Rivaldo – São Paulo: Disal, 2004.

Com o apoio do livro de Chinem será possível traçar a evolução e a sequência que se deu desde a ditadura, com um país censurado, até o presente, onde a liberdade de imprensa é total, visto que a cada momento surgem novas plataformas para disseminar a informação. Entre essas novas plataformas está a mídia ninja.

O livro também servirá para a elaboração do capítulo 3, onde será abordada a ida do povo às ruas, bem como já aconteceu no período das Diretas Já. Sobre os protestos, o autor também tem muito a acrescentar, já que seu sétimo capítulo é inteiramente dedicado aos movimentos.

9 ROTEIRO DOS CAPÍTULOS:

1. Introdução

2. Redes sociais e sociedade

2.1. Redes sociais e protestos

3. O povo nas ruas e a imprensa

3.1 A Folha de S. Paulo e a cobertura de protestos (Diretas Já)

4. Análise – A Folha de S. Paulo e os protestos de junho de 2013

5. Conclusão

6. Bibliografia

10 CRONOGRAMA

Data	Atividade
06 de março de 2014	Encontro com a coordenadora de monografia.
13 de março de 2014	Leituras e anotações para a construção do capítulo 2.
20 de março de 2014	Entrega da primeira versão do capítulo 2.
27 de março de 2014	Entrega da versão final do capítulo 2.
03 de abril de 2014	Leituras e anotações para a construção do capítulo 3.
10 de abril de 2014	Entrega da primeira versão do capítulo 3.
17 de abril de 2014	Entrega da versão final do capítulo 3.
24 de abril de 2014	Leitura e anotações para a construção da análise.
01 de maio de 2014	Entrega da primeira versão da análise.
08 de maio de 2014	Entrega da versão final da análise.
15 de maio de 2014	Confecção da conclusão.
22 de maio de 2014	Confecção da introdução.
29 de maio de 2014	Entrega da Monografia na íntegra.
05 de junho de 2014	Encontro para avaliação da Monografia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALDAS, Álvaro. *Deu no jornal: o jornalismo impresso na era da internet*. Rio de Janeiro: PUCRio, 2002.

CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. 10.ed. rev. e ampl. São Paulo, SP: Paz e Terra Ltda, 2007. 3 v.

CASTELLS, Manuel. *Redes de Indignação e Esperança – Movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CHINEM, Rivaldo. *Jornalismo de Guerrilha*. São Paulo: Disal, 2004.

GASKELL, George; BAUER, Martin W. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2003. (2ª edição).

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HARVEY, Pierre-Léonard. *Ciberespaço e comunática: apropriação, redes, grupos virtuais*. Lisboa, PO: Instituto Piaget, 2002. 267 p.

LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

LAGE, Nilson. *Ideologia e técnica da notícia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1979.

LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. *Metodologia de Pesquisa em Jornalismo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. 2.ed. São Paulo: Ed. 34, 2000. 260 p.

MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios, 1995. 168 p.

MELO, José Marques de. *Um país aberto: reflexões sobre a Folha de S. Paulo e o jornalismo contemporâneo*. São Paulo: PubliFolha, 2003.

NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2003.

RAMONET, Ignácio. *A Tirania da comunicação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. 141p.

ROSSI, Clóvis. *O que é jornalismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.

SITES CONSULTADOS

<<http://www.youtube.com/watch?v=vYgXth8QI8M>>. Acesso em: 15 jul. 2013, 18h40min.

<<http://eduem.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/21301/11348>>. Acesso em: 27 jul. 2013, 20h05min.

<<http://www1.folha.uol.com.br/especial/2013/paisemprotesto/>>. Acesso em: 30 agos. 2013, 22h20min.

<<http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Marilena-Chai-'nao-As-manifestacoes-de-junho-nao-mudaram-o-pais'/4/28565>>. Acesso em: 2 set. 2013, 13h23min.

ARTIGOS DE JORNAIS

NECCHI, Vitor. A provocação ninja. **Zero Hora**, Porto Alegre, 17 agos. 2013. Cultura. P. 4-5.